



A DINÂMICA ECONÔMICA DO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU DE 2002 ATÉ 2012

ECONOMIC DYNAMIC OF THE FOZ DO IGUAÇU CITY OF 2002 - 2012

Eduardo de Pintor*
Afonso Kimura Kodama**
Cristian Jair Paredes Aguilar***
Moacir Piffer****

RESUMO

A partir da década de 1970, Foz do Iguaçu apresentou forte crescimento econômico atrelado, principalmente, à construção da Hidrelétrica de Itaipu e seus pontos turísticos. O estudo tem como objetivo analisar o comportamento, entre 2002 a 2012, das atividades econômicas e do crescimento econômico de Foz do Iguaçu tendo como região de referência a mesorregião Oeste do Paraná. Para alcançar os objetivos do trabalho foram calculados: o Quociente Locacional; o Coeficiente de Williamson; o Indicador do Nível de Crescimento Econômico; e o Indicador do Ritmo de Crescimento Econômico. Os resultados obtidos mostram que as atividades ligadas à Usina de Itaipu, ao setor de turismo e de educação são os mais dinâmicos do município, sendo que no período analisado Foz do Iguaçu apresentou-se como um município desenvolvido em declínio. Ademais, a renda média *per capita* da microrregião de Foz do Iguaçu é menos desigual em relação a mesorregião Oeste do Paraná.

Palavras-chave: Crescimento Econômico, Foz do Iguaçu, Turismo.

ABSTRACT

Starting from the 1970s, Foz do Iguaçu showed strong economic growth tied mainly to the construction of the Itaipu Hydroelectric Power Plant and its sights. The study aims to analyze the behavior, between 2002 and 2012, the economic activities and economic growth of Foz do Iguaçu, having as reference the mesoregion Western Paraná. To achieve the objectives of the study were calculated: the Location Quotient; Williamson coefficient; Indicator of Economic Growth Level; and the Indicator of Economic Growth Rhythm. The results show that the activities related to the Itaipu Dam, the tourism sector and education are the most dynamic of the city, and in the period analyzed Foz do Iguaçu presented itself as a city developed in decline. Furthermore, the average *per capita* income of Foz do Iguaçu microregion is less unequal in relation to Western Parana mesoregion.

Key words: Economic Growth, Foz do Iguaçu, Tourism.

* Economista. Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: eduardo.pintor@unila.edu.br

** Economista. Mestrando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: kimura.afonso@gmail.com

*** Administrador. Trabalha na área de Desenvolvimento Territorial da Fundação Parque Tecnológico Itaipu Brasil (FPTI-BR). Coordenador do Programa ConectaDEL no Brasil. Mestrando em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: cristian.jair@pti.org.br

**** Doutor em Desenvolvimento Regional pela UNISC. Bolsista de produtividade em pesquisa da Fundação Araucária (PR). Professor do Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio - mestrado e doutorado - da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)/Campus de Toledo. E-mail: piffer@unoeste.br



1 INTRODUÇÃO

O turismo tem apresentado um papel relevante na promoção do desenvolvimento local e regional, que por meio das diversas atividades potencializadas geram benefícios econômicos e sociais, como emprego e renda para sua população (CUNHA; CUNHA, 2005; SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009; TAKASAGO, 2010; IPEA, 2011).

O “*Programa de Regionalização do Turismo*” do Ministério do Turismo define 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional no Brasil, dentre eles está Foz do Iguaçu. Esses destinos indutores são caracterizados por possuírem uma infraestrutura básica e turística, além de atrativos, que passam a constituir-se como um núcleo receptor e/ou distribuidor de fluxos turísticos, dinamizando a economia do território no qual estão inseridos. No contexto de destino turístico indutor, Foz do Iguaçu destaca-se com as Cataratas do Iguaçu e Caminhos ao Lago de Itaipu (MTUR; FGV, 2012), que apresenta em seu entorno outros 15 municípios lindeiros¹ que são beneficiados pela dinâmica desse destino.

Nessa perspectiva, o município de Foz do Iguaçu, localizado no Oeste do Paraná, apresenta o turismo como uma potente atividade econômica. De acordo com a Secretaria Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu (SMTU-FI), o município dispõe de diversos atrativos turísticos naturais, dentre eles: as Cataratas do Iguaçu eleita como uma das 7 Novas Maravilhas da Natureza em 2012, o Lago de Itaipu, o Rio Paraná, o Rio Iguaçu e o Parque Nacional do Iguaçu (SMTU-FI, 2012). Sua posição geográfica, cidade de tríplice fronteira, proporciona além dos atrativos do município, o acesso a outros roteiros turísticos internacionais com a cidade de *Puerto Iguazu* (Argentina) e *Ciudad del Este* (Paraguai), onde o turista pode realizar o turismo de compras, lazer, cultural e gastronômico, o que potencializa o turismo em Foz.

O presente artigo tem por objetivo avaliar a dinâmica econômica de Foz do Iguaçu. Destarte, foram analisados a especialização de emprego formal, as diferenças de Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, a classificação do seu nível e ritmo de crescimento para os anos de 2002 e 2012, confrontando-os com os demais microrregiões que compõem a mesorregião Oeste paranaense.

Para atingir os resultados obtidos, a pesquisa utilizará os cálculos do Quociente Locacional (QL), Coeficiente de Williamson e dos Indicadores de Nível e Ritmo de Crescimento (INC; IRC), avaliando os setores especializados mais representativos em mão de obra do município, observando o crescimento econômico de Foz do Iguaçu e os desvios do PIB *per capita* da microrregião de Foz do Iguaçu. Os dados referentes a população foram extraídos do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e do PIB *per capita* municipal foram obtidos na Relação Anual Indicadores Sociais (RAIS – MTE).

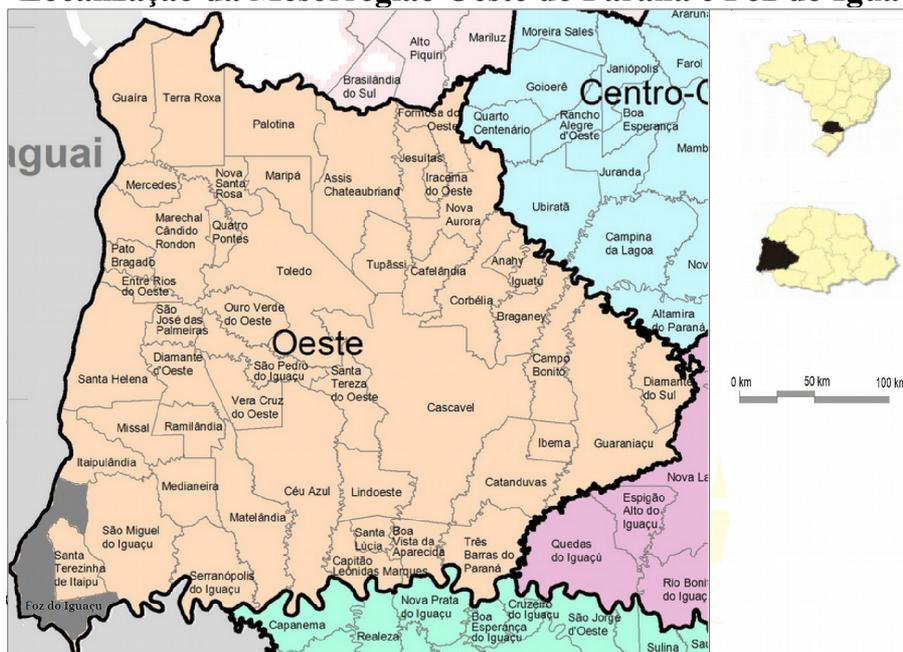
Além desta introdução, o artigo é composto por mais cinco seções. Na segunda seção é realizada a caracterização do município de Foz do Iguaçu, apresentando seu contexto histórico e econômico. A terceira seção traz uma revisão sobre desenvolvimento regional endógeno, crescimento econômico desequilibrado e o impacto do turismo na geração de emprego e renda. Na quarta seção é descrita a metodologia utilizada, baseada no QL, Coeficiente de Williamson, INC e IRC. A quinta seção apresenta os resultados e discussões gerados pelo trabalho, seguida pelas considerações finais.

1Diamante D'Oeste, Entre Rios D'Oeste, Guaíra, Itaipulândia, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Mercedes, Missal, Mundo Novo, Pato Bragado, Santa Helena, Santa Terezinha do Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu e Terra Roxa.

2 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU

Foz do Iguaçu encontra-se no extremo Oeste do Estado do Paraná, com uma população de 253.962 habitantes (IBGE – Censo Demográfico, 2010). O município faz fronteira com *Ciudad del Este* (Paraguai) e *Puerto Iguazu* (Argentina) localizando-se assim na tripla fronteira.

Figura 1 – Localização da Mesorregião Oeste do Paraná e Foz do Iguaçu - PR



Fonte: Resultado da pesquisa.

No fim do século 19, as autoridades brasileiras expressavam suas preocupações com o abandono e a importância econômica da atual região de Foz do Iguaçu que estava sendo explorada por empresas argentinas e paraguaias com a extração de madeira e erva-mate. A situação levou as autoridades políticas e os militares a planejar a ocupação do território em questão e em 1889, foi criada a Colônia Militar do Iguaçu – com uma área de 112.500 hectares - e estradas que a ligassem a outras regiões (ROSEIRA, 2006).

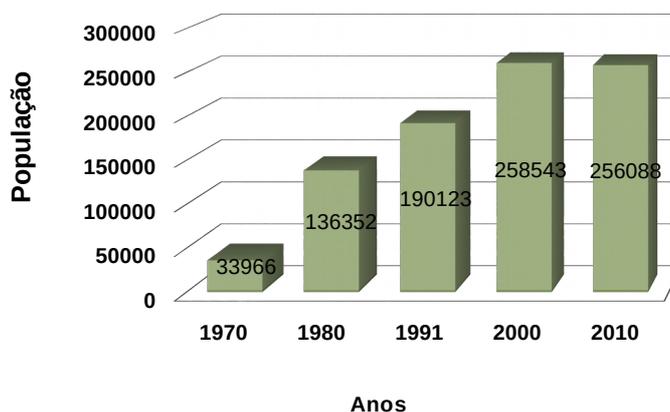
De acordo com Carvalho et al (2002, p.07), em março de 1914, por meio da Lei Estadual nº 1.383 foi criado o município de Foz do Iguaçu, “cuja sede foi elevada à categoria de Vila, com a denominação de Vila do Iguaçu, e a 10 de junho do mesmo ano foi instalado o novo município”.

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2010, p. 93), “na época da construção [da Usina Binacional Hidroelétrica de Itaipu], Foz do Iguaçu era uma cidade com apenas duas ruas asfaltadas”. Roseira (2006) afirma que mesmo com as políticas de povoamento da região Oeste do Paraná, a cidade teve crescimento populacional insignificante até o final da década de 1960, situação que, posteriormente, veio a se alterar com o Tratado de Itaipu entre o Brasil e o Paraguai.

A população do município em 1970 era de 33.966 habitantes com o início da construção da Usina de Itaipu em 1974, a população quadruplicou alcançando 136.352

habitantes em 1980 passando para 256.088 habitantes em 2010, conforme o gráfico 01. Ademais, Carvalheiro et al (2002) apontam que o Produto Interno Bruto se multiplicou por 6, passando de R\$ 101.341.489,49 para R\$ 648.686.545,49 entre 1970 a 1980.

Gráfico 1 – População de Foz do Iguaçu entre 1970 e 2010



Fonte: IBGE, 2011.

A Usina Binacional de Itaipu, o Parque das Aves, o Parque Nacional de Iguaçu e entre outros pontos turísticos tornam o município em questão o maior núcleo turístico do Oeste do Paraná (CORREA; GODOY, 2008). Em 2012, o turismo respondeu por 79,3% dos motivos das viagens realizadas em Foz do Iguaçu sendo que cada viajante permaneceu em média 3,8 dias em Foz do Iguaçu (SMTU-FI, 2014).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 DESENVOLVIMENTO REGIONAL ENDÓGENO

A teoria do desenvolvimento regional endógeno surgiu com as mudanças nas teorias de desenvolvimento regional nas últimas décadas. Essas transformações foram ocasionadas pela crise e declínio de regiões tradicionalmente industriais e pelo surgimento de regiões com novos paradigmas industriais. O conceito de endogenia unifica os termos desenvolvimento local, desenvolvimento regional e desenvolvimento territorial (PIACENTI, 2009). Assim, o desenvolvimento endógeno:

[...] pode ser entendido como um processo interno de ampliação contínua da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Esse processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região, em um modelo de desenvolvimento regional definido (AMARAL FILHO, 1996, p. 37-38).

Neste modelo, o desenvolvimento baseia-se nos próprios atores locais e não mais no planejamento centralizado. O desenvolvimento ocorre “de baixo para cima”, começando pelas potencialidades socioeconômicas do local. Assim, um dos pressupostos da teoria do



desenvolvimento endógeno é o protagonismo dos atores locais (AMARAL FILHO, 1996; PIACENTI, 2009). Segundo Oliveira e Lima (2003, p. 31), “pensar em desenvolvimento regional é, antes de qualquer coisa, pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço e na distribuição dos frutos do processo de crescimento”.

A teoria endogenista identificou os fatores de produção decisivos que eram determinados dentro da região, como capital social, capital humano, conhecimento, Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e informação. As regiões que possuem tais fatores ou que possam desenvolvê-los têm mais condições de alcançar um desenvolvimento acelerado e equilibrado (PIACENTI, 2009).

Essa teoria enfatiza a importância do conhecimento, considerado como um fator de produção separado, e do investimento na criação de conhecimento em P&D. Neste contexto, as pessoas qualificadas são indispensáveis, seja, por exemplo, para descobrir novos conhecimentos, inventar novos produtos e processos tecnológicos, ou para operar equipamentos mais complexos. “O capital humano e as habilidades de um país ou região determinam o seu crescimento econômico no longo prazo e suas chances de transformar este crescimento em processos de desenvolvimento” (HADDAD, 2004, p.10).

De acordo com a teoria do desenvolvimento regional endógeno, a localização e a implantação de novas atividades econômicas podem aumentar a produção, a renda, o emprego e a base tributável de um município, estado ou região em um ritmo superior ao crescimento populacional. Entretanto, tal expansão pode ocorrer sem que haja desenvolvimento econômico e social, ocasionando apenas crescimento econômico (HADDAD, 2004).

O aumento do Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* e da renda regional indicam que a área na qual as novas atividades estão instaladas passa por um período favorável na trajetória de seu crescimento econômico. Se a taxa de crescimento do PIB e da renda *per capita* continuar positiva e elevada por um longo período, a região encontrou uma alternativa de aumento sustentado de sua economia (HADDAD, 2004).

O crescimento econômico da região depende diretamente dos recursos nacionais, públicos ou privados, que ela é capaz de captar e do impacto das políticas macroeconômicas e setoriais. Tais políticas podem tanto criar condições que estimulam o crescimento de uma região quanto gerar condições que o freiam (BOISIER, 1992).

Já o desenvolvimento de uma região é mais complexo e qualitativamente diferente do crescimento. Ele depende da capacidade de organização social e política da região, que está associada ao aumento da autonomia regional para tomada de decisões, expansão da capacidade de reter e reinvestir o excedente econômico decorrente do crescimento regional, à crescente inclusão social e à preservação e conservação permanente do ecossistema regional (BOISIER, 1992; HADDAD, 2004).

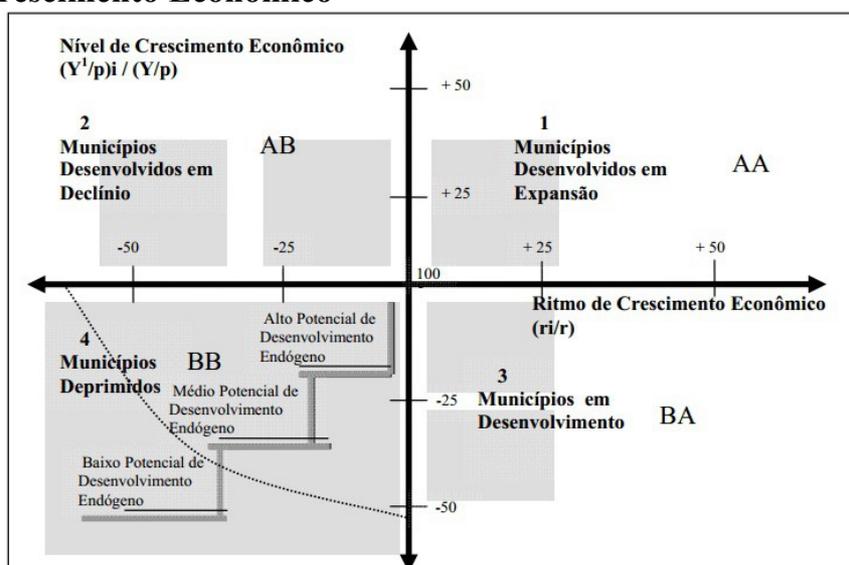
A capacidade de organização social da região é um fator endógeno e constitui um elemento crucial para transformar o crescimento em desenvolvimento, por meio de instituições e agentes do desenvolvimento, que estão articulados por uma cultura regional e por um projeto político regional (BOISIER, 1992; HADDAD, 2004).

O potencial endógeno de uma região inclui, dentre outros fatores, os aspectos populacionais, os recursos físicos e ecológicos, a estrutura urbana e o capital acumulado. Estes elementos também configuram o potencial de inovação e adaptação regional (BOISIER, 1992).

Desse modo, um município pode ser classificado com base no critério da homogeneidade ou heterogeneidade do seu potencial endógeno. Considerando as possibilidades de combinação entre o nível e o ritmo de crescimento econômico, os

municípios podem ser classificados em: 1) municípios desenvolvidos em expansão; 2) municípios desenvolvidos em declínio; 3) municípios em desenvolvimento; e 4) municípios deprimidos. A Figura 2 demonstra a classificação dos municípios (PIACENTI, 2009).

Figura 2 - Possibilidades de combinações segundo o Nível de Crescimento e o Ritmo de Crescimento Econômico



Fonte: PIACENTI, 2009, p. 70

De acordo com a Figura 2, os municípios classificados como desenvolvidos em expansão possuem nível e ritmo de crescimento econômico acima da média estadual. Esta situação é representada por AA. Os desenvolvidos em declínio apresentam nível de crescimento acima da média estadual. Entretanto, seu ritmo de crescimento está em declínio, abaixo da média estadual. Tais municípios são representados pelo quadrante AB (PIACENTI, 2009).

Os municípios em desenvolvimento são aqueles cujo ritmo de crescimento está em expansão. Contudo, seu nível de crescimento está abaixo da média estadual. Eles são demonstrados, na Figura 2, por BA. Por fim, os municípios deprimidos, cuja situação corresponde à BB, são caracterizados por um nível e ritmo de crescimento econômico abaixo da média estadual (PIACENTI, 2009).

3.2 CRESCIMENTO ECONÔMICO DESEQUILIBRADO

Hirschman (1977) considera que do ponto de vista geográfico o crescimento econômico tende a ser desigual num país que busca aumentar sua renda, passando a criar alguns polos de crescimentos tornando-os centros regionais economicamente fortes e, concomitantemente, surgirão outras regiões economicamente mais atrasadas. Esta configuração torna as nações divididas em países desenvolvidos e em desenvolvimento, e no âmbito nacional em regiões progressistas e regiões atrasadas.

As regiões consideradas desenvolvidas também possuem suas disparidades inter-regionais, conforme citado por Mustatea (2012, p.51):



All research confirms the high degree of concentration of human and material resources in some parts of Europe, while other areas are considered as being peripheral, becoming less attractive for the population and economic activities. This was the starting point of the European goal of reducing regional disparities materialized by adopting the cohesion policy.

Para Hirschman (1977) as regiões que apresentam taxas de crescimento econômico superior tendem a atrair a mão-de-obra qualificada provenientes de regiões que apresentam crescimento econômico menos expressivo. Esta realidade pode aprofundar as disparidades regionais, já que retira de regiões menos desenvolvidas um dos elementos fundamentais para fomentar as atividades econômicas, isto é, o capital humano.

Os investimentos públicos são ferramentas para influenciar as taxas de crescimento das regiões (HIRSCHMAN, 1977). Estudos realizados por Raiher e Ferrera de Lima (2012) apontam que entre 1986 a 2004, os investimentos estatais foram desiguais entre os municípios paranaenses destacando que há relação entre os investimentos públicos e o desenvolvimento socioeconômico dos municípios em questão, sendo que o primeiro é responsável por 22,7 % na variação do desenvolvimento dos municípios analisados e outros 77,3% da referida variação é explicada por fatores endógenos mencionados anteriormente.

Trevisan e Ferrera de Lima (2010), por sua vez, realizaram um estudo sobre a disparidade do Produto Interno Bruto *per capita* entre as microrregiões do Paraná e concluíram que nos últimos anos tais disparidades reduziram, situação que deve continuar. No entanto, destacaram a necessidade de realizar políticas públicas em determinadas regiões visando retirá-las da pobreza em que se encontram. Os autores afirmam ainda que a desigualdade do crescimento econômico no Paraná tem se tornando cada vez mais presente e que o Estado possui uma economia dual.

3.3 TURISMO INDUTOR DO CRESCIMENTO

O turismo, como atividade econômica, implica que existe uma dinâmica com outras diversas atividades que são integradas a partir da existência de um produto/atrativo turístico no mesmo território, o que destaca seu grande potencial dinamizador da economia local e regional (VALLE et al, 2012).

Segundo o IPARDES (2008), o turismo contribui para sustentar uma rede de serviços, promovendo o desenvolvimento de uma infraestrutura local, fluxo de informação, produção, distribuição e consumo. Deste modo, o turismo envolve a venda de produtos e serviços que ocorrem com a importação do turista para o território e os demais serviços e produtos oferecidos pelos agentes locais.

As principais atividades características do turismo (ACT) potencializadas estão ligadas, principalmente a prestação de serviço, como transportes, aluguel de transportes, auxiliar de transportes, cultura e lazer, agências de viagem, alimentação e alojamento (IPEA, 2011). Entretanto, o turismo e o impacto gerado por essas atividades podem apresentar externalidades positivas e negativas para a região. O aspecto positivo do turismo está relacionado principalmente com o desenvolvimento local, melhoria do nível de vida da população local, geração de emprego e renda (CUNHA; CUNHA, 2005; IPARDES, 2008; TAKASAGO et al, 2010)

Os produtos/atrativos do turismo têm como característica comum, diferentemente da comercialização de produtos manufaturados e agrícolas, a possibilidade de consumo apenas



no seu local de origem (*non-tradable*) e estarem arraigados ao setor de serviços. Isto favorece o aumento de emprego e renda para a população local, uma vez que a prestação de serviços é demandante de capital humano, assim como o fortalecimento e surgimento de novas oportunidades de negócio, principalmente para empresas de médio e pequeno porte (CUNHA; CUNHA, 2005).

Deste modo, o crescimento do segmento do turismo perpassa pela geração de emprego e renda de uma região. Takasago et al (2010), constatou o potencial gerador de emprego e renda do turismo no Brasil em 2006, por meio da análise da matriz insumo-produto e de índices de ligação, destacou o turismo dos demais setores da economia na geração de emprego, principalmente nos setores de atividades recreativas e culturais, de alimentação e de alojamento que apresentaram os melhores resultados. O potencial de geração de renda também foi confirmado, “as estimativas feitas dos efeitos geradores mostraram um bom potencial de geração de empregos, mas principalmente de renda, quando comparados aos potenciais geradores médios da economia brasileira” (TAKASAGO et al, 2010, p.458).

De outro lado, o turismo pode trazer externalidades negativas quando seu crescimento ocorre de maneira desordenada. Dentre as consequências da falta de planejamento e de como pode prejudicar a população local, destaca-se a “sustentabilidade social, cultural, ambiental, provoca a desestruturação da cultura local, eleva os índices de vazamento de renda, descaracteriza ambientes naturais, estimula a especulação imobiliária e exclusão territorial de residentes” (SILVA; RAMIRO; TEIXEIRA, 2009, p. 362).

4 METODOLOGIA

Para realizar os cálculos do Quociente Locacional (QL), Coeficiente de Williamson e dos Indicadores de Nível e Ritmo de Crescimento (INC; IRC) foram necessários dados sobre o PIB *per capita* e a população dos territórios analisados. Os dados sobre a população foram retirados do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES). Já os dados a respeito do PIB *per capita* municipal foram obtidos na Relação Anual Indicadores Sociais (RAIS – MTE).

4.1 QUOCIENTE LOCACIONAL

O Quociente Locacional (QL) apresenta o grau de especialização de uma região ou município em uma atividade produtiva específica, foi desenvolvido por Isard (1960) e didaticamente discutido por Haddad (1989, p.231-239). Esse indicador é amplamente usado para medir a especialização do emprego de uma determinada região, é definido como:

$$QL_{i,j} = \frac{E_j^i / E_j}{E_j^i / E_j^a} \quad (1)$$

Onde:

$QL_{i,j}$: quociente de localização do setor de atividade i na região j ;

E_{ij} : emprego do setor de atividade i na região j ;
 E_j : emprego total da região j ;
 E_i : emprego do setor de atividade i no conjunto das regiões;
 E_{jj} : emprego total do conjunto das regiões.

A partir do QL pode-se interpretar que quando: $QL = 1$ a especialização na atividade econômica estudada é igual a especialização em todas as regiões da mesma atividade; $QL < 1$ a especialização na atividade econômica estudada é inferior a especialização em todas as regiões da mesma atividade econômica; $QL > 1$ a especialização da atividade econômica estudada é superior a especialização em todas as outras regiões estudadas.

Esta metodologia de cálculo do QL também é utilizada por Alves (2012) e Piffer e Arend (2009). Esses autores mostram e utilizam o QL para comparar a participação do emprego de um mesmo segmento de uma região com outra região de referência. Neste artigo o QL é utilizado para comparar o setor dinâmico em que o município de Foz do Iguaçu é especializado com o restante estado do Paraná.

4.2 COEFICIENTE DE WILLIAMSON

No que se refere a renda, utilizar-se-á o Coeficiente de Williamson para medir o diferencial de renda do município de Foz do Iguaçu em comparação com o toda a mesorregião Oeste do Paraná. Esse coeficiente é apresentado por Williamson (1977) como:

$$V_w = \frac{\sqrt{\sum (y_i - \bar{y})^2 \frac{f_i}{n}}}{\bar{y}} \quad (2)$$

Onde:

f_i : população da i -ésima região;

n : população total do Estado;

y_i : renda *per capita* da i -ésima região;

\bar{y} : renda *per capita* total do estado.

O Coeficiente de Williamson foi utilizado por Trevisan e Ferrera de Lima (2010) para analisar a disparidade de Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* das microrregiões do Paraná. Já Ilha, Alves e Coronel (2004), utilizaram o coeficiente para mensurar as assimetrias do PIB *per capita* dos países pertencentes ao Mercado Comum do Sul (MERCOSUL).

4.3 INDICADOR DO NÍVEL DE CRESCIMENTO ECONÔMICO

Para calcular o nível de crescimento econômico do município de Foz do Iguaçu será utilizado o Indicador do Nível de Crescimento econômico (INC). O indicador tem como



objetivo situar o município em relação ao PIB *per capita* médio estadual ou macrorregional (PIACENTI, 2012). O INC é apresentado na equação 3:

$$INC = \frac{PIB_{pci}}{PIB_{pcm}} \times 100 \quad (3)$$

Onde:

PIB_{pci} = PIB *per capita* do município *i*;

PIB_{pcm} = PIB *per capita* médio estadual ou macrorregional.

A classificação do Indicador do Nível de Crescimento é mostrada na Tabela 1.

Tabela 1 - Classificação do Indicador do Nível de Crescimento econômico (INC)

| Classificação do INC | Faixa do INC |
|----------------------|----------------|
| Significativo | Superior a 100 |
| Alto | 80 a 100 |
| Médio | 50 a 80 |
| Baixo | 20 a 50 |

Fonte: PIACENTI, 2009.

De acordo com a Tabela 1, considerando o PIB *per capita* médio estadual ou macrorregional, se o município apresentar indicador superior a 100, seu PIB *per capita* é considerado superior ao do estado ou da macrorregião (FERRERA DE LIMA et al, 2014).

O INC foi utilizado por Piacenti (2009) para analisar o nível de crescimento dos 399 municípios paranaenses e por Ferrera de Lima et al (2014) para mensurar o crescimento das 39 microrregiões do Paraná.

4.4 INDICADOR DO RITMO DE CRESCIMENTO ECONÔMICO

Para determinar o ritmo de crescimento econômico de Foz do Iguaçu, será utilizado um indicador relativo à média estadual ou macrorregional. O Indicador do Ritmo de Crescimento econômico (IRC) é apresentado na equação 4.

$$IRC = \frac{\frac{\pi}{\psi} - 1}{\frac{\kappa}{\phi} - 1} \times 100 \quad (4)$$

Onde:

$\pi_{pc\ i\ 2012}$ = PIB *per capita* do município *i* em 2012;

$\psi_{pc\ i\ 2002}$ = PIB *per capita* do município *i* em 2002;



K : $\text{PIB}_{pc} 2012 = \text{PIB}_{pc} \text{ per capita médio estadual ou macrorregional em 2012;}$

ϕ : $\text{PIB}_{pc} 2002 = \text{PIB}_{pc} \text{ per capita médio estadual ou macrorregional em 2002.}$

A Tabela 2 mostra a classificação do Indicador do Ritmo de Crescimento (IRC).

Tabela 2 - Classificação do Indicador do Ritmo de Crescimento (IRC)

| Classificação do IRC | Faixa do IRC |
|----------------------|----------------|
| Significativo | Superior a 100 |
| Estagnado | 30 a 100 |
| Recessivo | 0 a 30 |
| Depressivo | -100 a 0 |

Fonte: PIACENTI, 2009.

Considerando o PIB *per capita* médio estadual ou macrorregional como 100, de acordo com a Tabela 2, o município com IRC superior a 100 possui um ritmo de crescimento superior ao do estado ou da macrorregião. O município com indicador inferior a 100 apresenta um ritmo de crescimento inferior ao estadual ou da macrorregião. Neste caso, o aumento populacional deste município foi superior ao crescimento do PIB. Já o indicador negativo indica que houve queda no PIB *per capita* do município no período analisado (FERRERA DE LIMA et al, 2014).

Piacenti (2009) utilizou o IRC para mensurar o ritmo de crescimento dos municípios do Paraná. Já Ferrera de Lima et al (2014) o utilizou para analisar o ritmo de crescimento das microrregiões paranaenses.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O cálculo do Quociente Locacional para o município de Foz do Iguaçu apresentou seus maiores índices para as seguintes atividades: Serviços de utilidade pública (14), Alojamento e comunicação (21), Ensino (23), Médicos odontológicos e veterinários (22), Transporte e comunicação (20), Administração técnico e profissional (19) e Comércio varejista (19).

Conforme evidenciado pela Tabela 3, para os subsetores supracitados, o QL foi superior a 1, indicando que o município de Foz do Iguaçu é especializado nessas atividades em relação a mesorregião Oeste do Paraná. Segundo os dados, é possível observar que o setor de maior especialização (14) de Foz do Iguaçu engloba a geração e distribuição de energia elétrica, sendo esta subseção alavancada pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.



Tabela 3 – QL do emprego para os subsetores da economia de Foz do Iguaçu de 2000 a 2012

| Subsetores do IBGE | Anos | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 |
| 01-Extrativa Mineral | 0,14 | 0,17 | 0,18 | 0,11 | 0,17 | 0,25 | 0,67 | 0,41 | 0,43 | 0,36 | 0,30 |
| 02-Prod. Mineral Não Metálico | 0,40 | 0,61 | 0,61 | 0,50 | 0,42 | 0,41 | 0,35 | 0,37 | 0,41 | 0,43 | 0,50 |
| 03-Indústria Metalúrgica | 0,29 | 0,32 | 0,30 | 0,41 | 0,48 | 0,44 | 0,45 | 0,46 | 0,43 | 0,40 | 0,46 |
| 04-Indústria Mecânica | 0,52 | 0,32 | 0,42 | 0,25 | 0,29 | 0,21 | 0,02 | 0,08 | 0,06 | 0,05 | 0,05 |
| 05-Elétrico e Comunic. | 0,39 | 1,66 | 1,63 | 1,01 | 0,21 | 0,42 | 0,71 | 0,78 | 0,34 | 0,70 | 0,51 |
| 06-Material de Transpor. | 0,06 | 0,13 | 0,15 | 0,07 | 0,05 | 0,01 | 0,04 | 0,03 | 0,02 | 0,02 | 0,04 |
| 07-Madeira e Mobiliário | 0,19 | 0,29 | 0,20 | 0,21 | 0,26 | 0,22 | 0,24 | 0,21 | 0,22 | 0,27 | 0,25 |
| 08-Papel e Gráf. | 0,48 | 0,55 | 0,68 | 0,65 | 0,77 | 0,79 | 0,69 | 0,74 | 0,76 | 0,67 | 0,66 |
| 09-Borracha, Fumo, Couros | 0,22 | 0,12 | 0,08 | 0,28 | 0,22 | 0,17 | 0,26 | 0,22 | 0,16 | 0,21 | 0,27 |
| 10-Indústria Química | 0,16 | 0,14 | 0,19 | 0,19 | 0,14 | 0,15 | 0,15 | 0,11 | 0,11 | 0,11 | 0,12 |
| 11-Indústria Têxtil | 0,10 | 0,10 | 0,11 | 0,18 | 0,19 | 0,21 | 0,20 | 0,21 | 0,20 | 0,20 | 0,19 |
| 12-Indústria Calçados | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,05 | 0,02 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 0,03 | 0,02 | 0,02 |
| 13-Alimentos e Bebidas | 0,14 | 0,10 | 0,10 | 0,09 | 0,14 | 0,10 | 0,07 | 0,07 | 0,06 | 0,05 | 0,07 |
| 14-Serviço Util. Pública | 3,61 | 4,53 | 4,60 | 4,53 | 4,54 | 4,70 | 4,63 | 4,22 | 3,95 | 3,72 | 3,68 |
| 15-Construção Civil | 1,06 | 1,09 | 1,03 | 1,33 | 1,44 | 1,09 | 1,14 | 1,08 | 0,86 | 0,99 | 0,91 |
| 16-Comércio Varejista | 1,29 | 1,35 | 1,33 | 1,31 | 1,26 | 1,29 | 1,27 | 1,29 | 1,27 | 1,25 | 1,21 |
| 17-Comércio Atacadista | 0,75 | 0,50 | 0,68 | 0,63 | 0,55 | 0,60 | 0,59 | 0,53 | 0,57 | 0,55 | 0,55 |
| 18-Instituição Financeira | 0,91 | 0,89 | 0,83 | 0,83 | 0,82 | 0,83 | 0,82 | 0,88 | 0,87 | 0,82 | 0,76 |
| 19-Adm Téc. Profissional | 1,18 | 1,04 | 1,00 | 0,99 | 0,97 | 1,00 | 1,08 | 1,26 | 1,25 | 1,23 | 1,40 |
| 20-Transporte e Comuni. | 1,39 | 1,51 | 1,56 | 1,56 | 1,52 | 1,64 | 1,67 | 1,61 | 1,60 | 1,47 | 1,42 |
| 21-Aloj Comunicação | 1,52 | 1,84 | 1,97 | 1,91 | 1,91 | 2,03 | 2,05 | 2,03 | 2,10 | 2,09 | 2,08 |
| 22-Médicos Odontológicos Vet. | 1,80 | 1,76 | 1,87 | 1,63 | 1,58 | 1,66 | 1,60 | 1,47 | 1,61 | 1,59 | 1,54 |
| 23-Ensino | 1,09 | 1,26 | 1,27 | 1,49 | 1,61 | 1,62 | 1,66 | 1,72 | 1,76 | 1,81 | 1,79 |
| 24-Administração Pública | 1,00 | 0,93 | 0,85 | 0,97 | 1,10 | 1,11 | 1,15 | 1,11 | 1,10 | 1,12 | 0,88 |
| 25-Agricultura | 0,13 | 0,15 | 0,12 | 0,11 | 0,12 | 0,11 | 0,10 | 0,10 | 0,09 | 0,09 | 0,08 |

Fonte: Resultado da pesquisa.

Além de gerar emprego e renda por meio da geração de energia elétrica, a referida Usina contribui com o turismo local, sendo um dos principais pontos turísticos do município. Segundo a Fundação Parque Tecnológico Itaipu (FPTI), o Complexo Turístico Itaipu - CTI oferece oito atrativos. Em 2014, foi visitada por 495.575 turistas, dos quais 65.988 eram estrangeiros (FPTI, 2015). Ainda de acordo com a FPTI, parte dos recursos arrecadados pelo CTI são aplicados em projetos de pesquisa e ações voltadas ao desenvolvimento territorial da região de influência da Usina.

Já o subsetor de alojamento e comunicação (21) ocupa a segunda posição e está fortemente ligado aos atrativos turísticos que Foz do Iguaçu oferece, incluindo as Cataratas do Iguaçu. Segundo a SMTU-FI (2014), em 2012, o município respondeu por 17,3% das cidades mais visitadas do Brasil no segmento de lazer, ficando em terceiro lugar atrás do Rio de



Janeiro (26,6%) e Florianópolis (18,1%). Neste mesmo ano, Foz do Iguaçu recebeu 2.051.481 de turistas, com gasto médio *per capita* de US\$ 100,00, com exceção da hospedagem (SMTU-FI, 2014).

O subsetor de Ensino (23) vem em terceiro lugar, e Médicos odontológicos e veterinários na quarta posição (22). Esses dois setores estão ligados ao fato de que a cidade é a maior da sua microrregião e a segunda maior da mesorregião Oeste, atraindo assim, a demanda de outros municípios para estes serviços. A respeito do subsetor de Ensino, Foz do Iguaçu detém um campus da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e várias faculdades particulares. Em 2010, entrou em operação a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), que tem se expandido desde então, aumentando a oferta de ensino superior na cidade.

As atividades de Transportes e comunicação (20) e Comércio varejista (16) são correlacionadas as peculiaridades de Foz do Iguaçu enquanto roteiro turístico, pois a demanda externa de visitantes a cidade tende a aumentar o consumo desses bens. Já o subsetor de Administração técnica profissional (19) mostra uma elevação de sua especialização entre 2002 a 2012.

No período de análise, o INC calculado para Foz do Iguaçu apresentou valores superiores à média da mesorregião Oeste do Paraná. Os valores oscilam, entre os anos analisado, mantendo-se sempre próximos ao valor médio (126%). Isto pode ser observado na tabela 4.

Tabela 4 - Indicador de Nível de Crescimento (INC) para Foz do Iguaçu de 2002 a 2012

| Anos | INC |
|------|--------|
| 2002 | 139,74 |
| 2003 | 116,83 |
| 2004 | 121,29 |
| 2005 | 127,53 |
| 2006 | 131,33 |
| 2007 | 124,52 |
| 2008 | 116,04 |
| 2009 | 116,71 |
| 2010 | 129,62 |
| 2011 | 131,29 |
| 2012 | 127,58 |

Fonte: Resultado da pesquisa.

Demonstrado os valores para o INC, calculou-se também o IRC para Foz do Iguaçu em relação à mesorregião Oeste, conforme a classificação exibida por Piacenti (2009). Esse indicador apresentou o valor de 85,07, apontando que o município enquadra-se como estagnado na década analisada, segundo as classificações do IRC. Quando classificado segundo a Figura 2 percebe-se que o município é enquadrado no quadrante AB, município desenvolvido em declínio, pois possui bons níveis de renda (INC) para os anos analisados, mas pouco sustentável no longo prazo (IRC).

Com o intuito de identificar a evolução dos desvios médios de rendimentos da mesorregião Oeste, e das três microrregiões que a compõe, calculou-se o Coeficiente de Williamson. Esse índice apresenta valores de 0 a 1, sendo que quando igual a 1 os desvios do



rendimento médio *per capita* são máximos e quando igual a 0 não há diferença de renda média *per capita* entre os municípios analisados. De 2002 a 2012, o diferencial de renda *per capita* entre os municípios da mesorregião oeste diminuiu significante, uma vez que o índice passa de 0,378 para 0,251. Isto pode ser observado na Tabela 5.

Tabela 5 – Diferencial de renda *per capita* médio para a Mesorregião Oeste e as Microrregiões que a compõe de 2002 a 2012

| Coeficiente de Williamson | | | | |
|---------------------------|--------------------------------|----------------------------------|---------------------------|-----------------------------|
| Anos | Vw Mesorregião Oeste do Paraná | Vw Microrregião de Foz do Iguaçu | Vw Microrregião de Toledo | Vw Microrregião de Cascavel |
| 2002 | 0,378 | 0,264 | 0,258 | 0,527 |
| 2003 | 0,279 | 0,166 | 0,223 | 0,392 |
| 2004 | 0,308 | 0,207 | 0,217 | 0,446 |
| 2005 | 0,304 | 0,218 | 0,204 | 0,422 |
| 2006 | 0,277 | 0,238 | 0,229 | 0,273 |
| 2007 | 0,289 | 0,195 | 0,242 | 0,386 |
| 2008 | 0,233 | 0,175 | 0,256 | 0,245 |
| 2009 | 0,253 | 0,174 | 0,303 | 0,269 |
| 2010 | 0,266 | 0,222 | 0,263 | 0,264 |
| 2011 | 0,259 | 0,225 | 0,236 | 0,262 |
| 2012 | 0,251 | 0,205 | 0,251 | 0,257 |

Fonte: Resultado da pesquisa.

É possível verificar que das microrregiões que compõe a mesorregião Oeste a microrregião de Foz do Iguaçu apresentou os menores desvios do PIB *per capita* para todo o período. Já a microrregião de Toledo também exibe redução, porém em menor ritmo. Por último, a microrregião de Cascavel mostra uma redução de maior de 50% os desvios médios, contudo, ainda é microrregião que possui o maior coeficiente das mesorregiões analisadas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo do artigo foi analisar as principais atividades econômicas e o crescimento da renda *per capita* do município de Foz do Iguaçu. Para tanto, calculou-se os indicadores de nível e ritmo de crescimento para os anos de 2002 à 2012, com o intuito de identificar o comportamento da renda do município em relação a mesorregião na qual está inserido.

No período analisado, é possível observar que a renda *per capita* média de Foz do Iguaçu posicionou-se acima da média da mesorregião Oeste. Todavia, o Indicador de Ritmo de Crescimento apontou que o município está estagnado, comprometendo seu crescimento de longo prazo. Destarte, classificou-se como município desenvolvido em declínio, comparado com a mesorregião.

Foi calculado também o Coeficiente de Williamson para medir as disparidades de renda no território. O cálculo foi realizado para as três microrregiões e para a mesorregião como um todo. Apontando que os rendimentos médios *per capita* para a microrregião de Foz do Iguaçu foram os menores observados para todo o período. Já microrregião de Cascavel teve a maior redução desse coeficiente, mas ainda assim, se manteve como a microrregião que



possui maior diferencial de renda. Das três microrregiões analisadas, Toledo foi a única que não apresentou queda nesse coeficiente. As outras regiões apresentaram reduções significativas no índice.

Observando o resultado do Coeficiente de Williamson, apesar das regiões terem reduzidos esses índices, o rendimento *per capita* ainda é desigual, tanto nas microrregiões como na mesorregião Oeste, sinalizando que o desenvolvimento da mesorregião ocorre de forma desigual. Tal situação é apresentada por Hirschman, ao afirmar que o crescimento econômico tende a ser desigual do ponto de vista geográfico, isto é, algumas regiões crescem mais do que outras.

O QL demonstrou as principais atividades em que há especialização no município de Foz do Iguaçu são dependentes de uma demanda externa. Sendo assim, a dinâmica desses setores é aquecida por agentes externos que demandam serviços e produtos. A principal atividade apontada pelo QL para Foz do Iguaçu, os serviços de utilidade pública, engloba a produção e distribuição de energia elétrica, sendo assim, esse produto é exportado para outras regiões do Brasil.

A segunda atividade mais especializada está intrinsecamente ligada aos atrativos turísticos o qual também é uma atividade alavancada pela demanda externa. Como também as atividades de comércio varejista e transportes e comunicações tem fortes ligações com o aumento de consumidores que advém do turismo.

As outras atividades como Ensino, Médicos odontológicos e veterinários e Administração técnico profissional estão correlacionadas a maior demanda por esses serviços devido à cidade ser a maior da região, ocorrendo a concentração desses serviços. Também é importante ressaltar que as cidades vizinhas do Paraguai (*Ciudad del Este*) e Argentina (*Puerto Iguassu*) também demandam esses serviços de Foz do Iguaçu. Conforme apontado por Haddad (2004), essas atividades tendem a acumular o capital humano no local mais atrativo.

Mais uma vez a dinâmica dessas atividades é fomentada pela população externa a Foz do Iguaçu. Apesar da dinâmica das principais atividades econômicas do município ser induzida pelo setor externo, seu arranjo institucional e organizacional é formulado para que esses bens e serviços sejam fomentados endogenamente, principalmente aos setores ligados as atividades turísticas.

Portanto, os setores que dinamizam a economia de Foz do Iguaçu são, em sua maioria, induzidos pela demanda externa possuindo grande apoio das empresas e entidades representativas que compõe o Conselho Municipal de Turismo de Foz do Iguaçu criado pela Câmara Municipal e Prefeitura do município. A renda proveniente dessas atividades eleva a renda média do município superando a média da mesorregião Oeste. Porém, os rendimentos de Foz do Iguaçu estão entrando em um estágio de estagnação. Considerado o Coeficiente de Williamson como medida do diferencial de renda entre as microrregiões analisadas, percebe-se que a renda *per capita* média da microrregião de Foz do Iguaçu é mais igualitária do que na mesorregião Oeste, sendo isso um fator que aumenta a capacidade de crescimento dos municípios que compõe a microrregião, sendo também fator necessário ao desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. R. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In:



PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J. (Org.) **Análise Regional** – metodologia e indicadores: Curitiba: Camões, 2012.

AMARAL FILHO, J. Desenvolvimento regional endógeno em um ambiente federalista. **Planejamento e políticas públicas**, nº 14. Dezembro de 1996. Disponível em: <<https://desafios2.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/viewFile/129/131>>. Acesso em: 21/01/2015.

BOISIER, S. **El difícil arte de hacer región**. Cusco: Centro de Estudios Regionales Andinos, 1992.

CAVALHEIRO, E. M.; STAMM, C.; FERRERA DE LIMA, J. Análise da Movimentação Turística do Município de Foz do Iguaçu PR (1983-2000). **Informe Gepec**, Toledo PR, v. 07, n.02, p. 01-20, 2004.

CORRÊA, R. A. ; GODOY, A. M. G.. Políticas públicas e turismo sustentável. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. s/n, p. 149-172, 2008.

CUNHA, S. K.; CUNHA, J. C. Competitividade e sustentabilidade de um cluster de turismo: uma proposta de modelo sistêmico de medida do impacto do turismo no desenvolvimento local. In: **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 9, n. spe2, p. 101-123, 2005.

FERRERA DE LIMA, J.; KLEIN, C. F.; PIFFER, M., RIPPEL, R.; OLIVEIRA, T. C. Notas sobre o ritmo de crescimento econômico das regiões paranaenses. **Revista Economia & Tecnologia (RET)**. Volume 10, Número 2, p. 25-32, Abr/Jun 2014.

FUNDAÇÃO PARQUE TECNOLÓGICO ITAIPU – FPTI. Mais de 495 mil pessoas visitaram a Itaipu em 2014. Disponível em:

< <http://www.pti.org.br/imprensa/noticias/mais-495-mil-pessoas-visitaram-itaipu-em-2014-0>>. Acesso em: 02 de janeiro de 2015.

HADDAD, J. H. (Org.). **Economia regional: teoria e métodos de análise**. Fortaleza: BNB/ETIENE, 1989.

HADDAD, P. R. **Texto de referência da palestra sobre cultura local e associativismo**. Seminário do BNDES sobre Arranjos Produtivos Locais. Belo Horizonte, Minas Gerais, 27/10/2004. Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/seminario/apl_texto2.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2014.

HIRSCHMAN, A. Transmissão Inter-Regional e Internacional do Crescimento Econômico. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte, Cedeplar: Editora UFMG, p. 35-52, 1977.

ILHA, A. S.; ALVES, F. D.; CORONEL, D. A. Assimetrias regionais no MERCOSUL: uma análise dos coeficientes de renda e a perspectiva de uma maior integração econômica. **Revista**



Economia e Desenvolvimento, n° 16, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico – 2010**. Rio de Janeiro: 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA - IPEA. **Ocupação do setor do turismo no Brasil**: análise da ocupação nas principais ACTs nos Estados, regiões e Brasil. Margarida Hatem Pinto Coelho (Orgs). Brasília, DF: Ipea, 2011.

_____. Usina Hidrelétrica de Itaipu: Vinte e sete anos após sua fundação, a hidrelétrica binacional é alvo de disputa entre Brasil e Paraguai. In: IPEA. **Desafios do desenvolvimento**. Ano 7, n° 60, março/abril de 2010. Disponível em: <http://desafios.ipea.gov.br/images/stories/PDFs/desafios060_completa.pdf>. Acesso em: 10/12/2014.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>>. Acesso em: 24 de dezembro de 2014.

_____. **Cadeia produtiva do turismo no Paraná**: estudo sobre as regiões turísticas do estado. Curitiba: IPARDES, 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO, BRASIL - MTUR; FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - FGV. **Índice de competitividade do turismo nacional**: 65 Destinos indutores do Desenvolvimento turístico nacional – Relatório 2011. BARBOSA, L. G. M. (Organizador). Brasília, DF: SEBRAE, 2012.

MUSTATEA, N. M. Growth poles – an alternative to reducing regional disparities. Case Study – growth pole Iasi. **Romanian Review of Regional Studies**. Vol. IX, n° 01, p. 51-60, 2013.

OLIVEIRA, G. B.; LIMA, J. E. S. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Rev. FAE**, Curitiba, v.6, n.2, p.29-37, maio/dez. 2003.

PIACENTI, C. A. Indicadores de desenvolvimento endógeno. In: PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J. (Org.) **Análise Regional** – metodologia e indicadores: Curitiba: Camões, 2012.

_____. **O potencial de desenvolvimento endógeno dos municípios paranaenses**. 2009. 201p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada, Universidade Federal de Viçosa (UFV), 2009.

PIFFER, M.; AREND, S. C. A agropecuária e as indústrias tradicionais no desenvolvimento regional paranaense no período de 1970 a 2000. **Informe Gepec**, v. 13, n. 1, p. 107-121, 2009.



RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. MINISTÉRIO DO TRABALHO E DO EMPREGO - MTE. Disponível em: <<http://portal.mte.gov.br/rais/estatisticas.htm>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2014.

ROSEIRA, A. M. **Foz do Iguaçu: cidade rede sul-americana**. 2006. 170 p. Dissertação (Mestrado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DO TURISMO DE FOZ DO IGUAÇU (SMTU-FI). **Inventário Técnico das Estatísticas Turísticas de 2014**. Disponível em: <<http://www.pmf.pr.gov.br/ArquivosDB?idMidia=73276>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2014.

_____. Departamento de Desenvolvimento de Turismo. Divisão de Planejamento e Estudos Turísticos. Inventário da Oferta Turística de Foz do Iguaçu. Foz do Iguaçu: SMTU, 2013.

SILVA, K.T.P.; RAMIRO, R.; TEIXEIRA, B.S. **Fomento ao turismo de base comunitária: a experiência do ministério do turismo**. Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Letra & Imagem, Rio de Janeiro, 2009.

TAKASAGO, M., GUILHOTO, J. J. M., MOLLO, M. L. R., ANDRADE, J. P. O potencial criador de emprego e renda do turismo no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v.40, no. 3, p. 431-460, 2010.

TREVISAN, E. S.; FERRERA DE LIMA, J. Crescimento e desigualdade regional no Paraná: um estudo das disparidades de PIB *per capita*. **Revista Ciências Sociais em Perspectiva**. Vol. 9, Nº 16, p. 06-19, 2010.

VALLE, P. A. M.; VALLE, A. C. M.; OLIVEIRA, F. R.; BARBOSA, M. F. S. O turismo goiano – uma análise da renda e emprego no setor hoteleiro. In: **Conjuntura Econômica Goiana**, n. 21 (Junho). Goiânia: Secretaria de Gestão e Planejamento do Estado de Goiás, 2012.

WILLIAMSON, J. Desigualdade regional e o processo de desenvolvimento nacional: descrição dos padrões. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte, Cedeplar: Editora UFMG, p. 53-116, 1977.

*Recebido em 12/06/2016
Aprovado em 27/07/2016*